

# FÉ, DEVOÇÃO E TRADIÇÃO ROSARINA NOS FESTEJOS DE CONGADA: ENTRE AS ÁGUAS DE OXÚM E AS FACES DA VIRGEM DO ROSÁRIO

Dra. Rosinalda Correa da Silva Simoni<sup>1</sup>

## **Resumo**

Apresento aqui reflexões sobre a pluralidade religiosa presente no catolicismo popular, e uma das vertentes aponta para um catolicismo africano, conforme alguns pesquisadores. Assim, trago apontamentos a partir de minha pesquisa sobre a tradição rosarina e as várias faces atribuídas à Virgem do Rosário, santa de devoção negra.

**Palavras chave:** Catolicismo africano; afro-catolicismo; Memória; Congadas.

## **Abstract**

I present here reflections on the religious plurality present in popular Catholicism, and one of the strands points to an African Catholicism, according to some researchers. Thus, I bring notes from my research on the Rosary tradition and the various faces attributed to the Virgin of the Rosary, a saint of black devotion.

**Keywords:** African Catholicism; Afro-Catholicism; Memory; Congadas.

---

<sup>1</sup>Doutora em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás, 2017). Graduada em História pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Mestre em Gestão do Patrimônio Cultural pela PUC-Goiás. Atualmente cursa estágio pós-doutoral em História pela PUC-Goiás. Professora convidada na Universidade Federal do Tocantins. Professora horista da PUC-Goiás. E-mail: <[rosinegra@gmail.com](mailto:rosinegra@gmail.com)>.

## **Introdução**

Dentre as diversas faces da Virgem Marias temos as de devoção negra, dentre elas as mais populares são a Virgem do Rosário e Santa Efigênia. Nesse artigo apresento os relatos e percepções do grupo de congadeiros da Vila João Vaz com relação aos festejos da virgem do Rosário; uma memória que nós apresentam o encontro de dois mundos duas religiões que se ressignificam durante os rituais da Congada; que nos trazem a riqueza religiosa dos diversos desdobramentos do catolicismo no Brasil.

O catolicismo no Brasil revela uma grande complexidade. Trata-se de um campo religioso caracterizado por grande diversidade. A pluralidade é um traço constitutivo de sua configuração no Brasil graças a forma com a qual foi constituído em uma relação dominador versus dominados (TEIXEIRA, 2005). O catolicismo era a religião dominante, imposta pela catequização e um instrumento colonizador da igreja contra reformista, que não cedia espaço à cultura do dominado para manifestar atos, mitos e ritos de origem. Sendo assim, os supostos dominados (os africanos, ameríndios) e os seus descendentes encontraram meios de sobrevivência religiosa e de resistência cultural, incorporando à sua religião imagens de cultos católicos de forma sincrética. Trazendo para o seio de sua crença politeísta-panteísta, elementos adaptados de religião monoteísta dominante. Fruto da imposição que ocorreu no processo de formação social brasileira. Transformando em práticas singulares o catolicismo brasileiro,

resultante da hibridização religiosa que historicamente aqui se configurou (ARAGÃO, 2013).

Esse catolicismo popular se tornou um campo diversificado para pesquisadores da área de humanas pois apresenta uma roupagem singularmente e plural definido por Pierre Sanchis em uma frase “ *há religiões demais nesta religião*” (SANCHES, 1992). Uma das varias faces dessa religião são os cultos aos santos, ou catolicismo santorial expressão usada por Procópio Camargo, é uma das formas mais tradicionais de catolicismo presentes no Brasil desde o período da colonização. Tem como característica central o culto aos santos. Foi esse culto que marcou a peculiar dinâmica religiosa brasileira, de caráter predominantemente leigo, seja nas confrarias e irmandades, seja nos oratórios, capelas de beira de estrada e santuários esse catolicismo praticado nas confrarias è o foco dessa pesquisa também chamado de devocional as Marias (TEIXEIRA, 2005). Um catolicismo de “*muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre*”.

Os santos e as santas, a tradição rosarina no seu contexto histórico

O Brasil como se conhece nasceu da ‘descoberta’ por exploradores europeus profundamente imbuídos em expandir seus impérios e levar a fé cristã seguida do culto católico por terras ‘virgens’ e ‘incultas’. Para a colônia brasileira, antes chamada de Terra de Santa Cruz, vieram missionários e exploradores portugueses que trouxeram com eles seus elementos culturais. Novos costumes, valores, hábitos, deveres e obrigações foram sendo impostos e estabelecidos na colônia luso-americana. O catolicismo português trazido para a América do Sul já

era delineado como sincrético, conforme Souza (1986). Esse catolicismo medieval tinha como característica um forte apego aos santos, e a eles nomeavam forças da natureza. Os pesquisadores observam que essas práticas já existiam desde o século XV e tinham forte ênfase nas procissões religiosas e nas missas, um catolicismo mais afeito às imagens e às figuras do que ao espiritual (SIMONI, 2017 p. 63).

Em Portugal símbolos como as cruzes eram constantes em praças, igrejas, ruas, sepulturas, ao longo de caminhos, nos cordões, peitorais e escapulários, nas exclamações invocatórias e protetoras, no velame das caravelas. Imagens de santos povoavam as vilas, cantos de ruas, altares, oratórios e capelas. No interior das casas eram comuns cultos à Virgem Maria que já vinham revestidos de vários nome (Maria Auxiliadora, Do Socorro, Das Dores, Do Parto, Da Conceição e datas outras). Também eram comuns em festas, romarias e procissões nas ruas. Tudo isso se repetiu no Novo Mundo dando um novo contorno religioso ao Brasil (SOUZA, 1986). Porém acrescido das contribuições de vários outros grupos dentre eles os africanos e ameríndios, os africanos contribuíram para o surgimento das religiões populares nas Américas, entre elas, o catolicismo popular, nascidas do processo de aculturação vivenciado por africanos, indígenas e europeus em terras brasileiras. Burke (1989), em seu estudo acerca de cultura popular na modernidade, discute sobre os conceitos de popular e elite, separadamente, mas se recusa em trazer uma concepção polarizada entre eles a esse respeito ela afirma:

A fronteira entre as várias culturas do povo e as culturas das elites (e estas eram tão variadas quanto aquelas) é vaga e por isso a atenção dos estudiosos do assunto deveria concentrar-se na interação e não na divisão entre elas [...] biculturalidade das elites, suas tentativas de ‘reformatar’ a cultura popular, sua ‘retirada’ delas e finalmente sua ‘descoberta’, ou mais exatamente ‘redescoberta’ da cultura do povo (BURKE, 1989, apud SIMONI, 2017 pag. 74).

Os santos sempre ocuparam um lugar de destaque na vida do povo, manifestando a presença de um “poder” especial e sobre-humano, que penetra nos diversos espaços de vida e favorece, numa estreita aproximação e familiaridade com seus devotos, a proteção diante das incertezas da vida e isso se deu de forma especial com os grupos marginalizados dentre eles os afro-descendentes, aos falar do papel desses santos Teixeira acrescenta:

Os santos penetram na vida dos que os veneram, misturando-se com seus problemas, suas necessidades mais urgentes, nos negócios, na vida familiar, nos casamentos, nos amores. E tudo isto, sem cerimônia, sem se precisar de apresentação, sem intermediário. Tudo se passa entre o santo e seu devoto. Uma certa intimidade até, sem implicar desrespeito, mas intimidade que chega até mesmo à imposição de certas punições, como santo de cabeça para baixo, santo fora de sua capela, santo voltado para as paredes (TEIXEIRA, 2005, p.18 apud ROLIN, 1976, p.159).

Essa relação de proximidade entre santo e devoto a mesma se ressignifica de acordo com a promessa feita e a graça alcançada através dela gerando um pagamento por vezes feito através de festas, dinheiro, ou rezas quase sempre dirigidas com o terços também conhecidos como rosários.

A palavra Rosário quer dizer um buquê de rosas que se oferece a Nossa Senhora. Cada Ave Maria é uma rosa oferecida a Mãe com carinho e esperança. Assim, quando o Santo Rosário é rezado completamente, é oferecido um buquê de cinquenta rosas a Nossa Senhora. O grande propagador da devoção ao Rosário foi São Domingos de Gusmão, fundador da Ordem dos Dominicanos, no início do século XIII. A Igreja lhe conferiu o título de Apóstolo do Santo Rosário.

A devoção ao rosário chegou oficialmente em Portugal por solicitação de D. João I (1357-1433), quando foi estabelecida a primeira casa dominicana no Reino, como agradecimento à vitória obtida pelos portugueses na batalha de Aljubarrota (1385-1411). Tratou-se do Convento de São Domingos de Lisboa, que, posteriormente, teve importante atuação nos Tribunais do Santo Ofício. Contudo, antes do estabelecimento oficial dos dominicanos, a devoção ao rosário já era conhecida em Portugal. Deveu-se isto à ação dos frades franciscanos que também adotaram o rosário, tornando-o uma prática obrigatória entre os seus (FRANCO JUNIOR, 2003 apud CARVALHO, 2008). Outro evento é apontado pelos autores como responsável pela consagração definitiva da devoção ao Rosário antes de Portugal. Tratou-se da batalha do Lepanto. A inscrição desta batalha na história da devoção ao Rosário pode ser constatada na carta encíclica *Supremi apostolatus*<sup>2</sup>, do papa Leão XIII, de 1883. Segundo suas afirmações, no

---

<sup>2</sup>O final do século XVI representou o auge do poderio político-militar deste império. Sua área total atingiu mais de 5 milhões km<sup>2</sup>, abrangendo a Anatólia, os Bálcãs, o norte da África, o Oriente Médio, a Europa Oriental e o Cáucaso. Àquele período, o Império Otomano, colidiu-se, freqüentemente, com as grandes potências européias. No que diz respeito à Europa, o

século XVI, as “imponentes forças dos Turcos ameaçavam impor a quase toda a Europa o jugo da superstição da barbárie”. Para comemorar a vitória dos cristãos contra os turcos otomanos, na batalha do Lepanto, dada em 07 de outubro de 1571, Pio V, sumo pontífice entre 1566 e 1572, instituiu a festa de Nossa Senhora das Vitórias. Seu sucessor, o papa Gregório XIII (1572- 1585) mudou o nome da festa que passou a ser tributada à Nossa Senhora do Rosário, pois o pontifício reconheceu no rosário o motivo da sua vitória, isso fortaleceu ainda mais a devoção, que teve importante papel em outros momentos da Igreja como a contra -reforma.

A tradição rosarina se difundiu no continente europeu e através de Portugal e com a instauração do contexto econômico de expansão marítima européia, novos elementos foram inseridos a devoção à Nossa Senhora do Rosário, dentre elas a roupagem tridentina, assim como de

---

Mediterrâneo foi o principal palco destes conflitos. Em 1570, os turcos invadiram a ilha de Chipre, até então sob o governo de Veneza. Como o controle da ilha significava também o controle do Mediterrâneo, formou-se uma Liga Santa, sob o comando do espanhol Juan de Áustria e do papa Pio V, reunindo a República de Veneza, o Reino de Espanha, os Cavaleiros de Malta e os Estados Pontifícios. Assim, em 7 de outubro de 1570, deu-se a batalha na qual as forças otomanas foram derrotadas pelas “forças cristãs católicas”, que ficou registrada como batalha do Lepanto. “Nessa circunstância, o Pontífice São Pio V, depois de estimular os soberanos cristãos à defesa de uma causa que era a causa de todos, dirigiu todo seu zelo a obter que a poderosíssima Mãe de Deus, invocada por meio do santo Rosário, viesse em auxílio do povo cristão. E a resposta foi o maravilhoso espetáculo então oferecido ao Céu e à terra; espetáculo que empolgou as mentes e os corações de todos! § Com efeito, de um lado os fiéis, prontos a dar a vida e a derramar sangue pela incolumidade da religião e da pátria, junto ao golfo de Corinto esperavam impávidos o inimigo; de outro lado, homens inermes, com piedosa e suplicante falange, invocavam Maria, e com a fórmula do santo Rosário repetidamente a saudavam, a fim de que assistisse os combatentes até a vitória. E Nossa Senhora, movida por aquelas preces, os assistiu: porquanto, havendo a frota dos cristãos travado batalha perto de Lepanto, sem graves perdas dos seus, desbaratou e matou os inimigos e alcançou uma esplêndida vitória. Por este motivo o santo Pontífice, para perpetuar a lembrança da graça obtida, decretou que o dia aniversário daquela grande batalha fosse considerado festivo com honra da Virgem das Vitórias” (LEÃO XIII, 1883, apud CARVALHO, 2008).

adereços sincréticos, à medida que entrava em contato com outras culturas e outras historicidade, a exemplo das culturas africanas, de forma especial da região da África centro-Occidental, O primeiro contato entre os portugueses e os habitantes do Congo, reino líder sem concorrentes entre todos os demais existentes na África Centro-Occidental, se deu em 1483, à época, um reino relativamente forte e estruturado. Os principais interesses portugueses eram comerciais, principalmente, no tráfico de escravizados e no controle e exploração das minas, e também da difusão da fé cristã; em 1949 a corte congoleza se converteu ao cristianismo a conversão é compreendida como um processo intercultural muito complexo, os portugueses se sentiam representados pela conversão e os congolezes ressignificaram a sua fé dando origem assim a uma pluralidade religiosa desde aquele período, essa pluralidade religiosa é chamado por alguns pesquisadores africanos de afro-catolicismo, dentre esses pesquisadores cito John Thornton em sua obra *A importância do catolicismo na África Centro-occidental nos séculos XVI, XVII e XVIII* (in MELO E SOUZA, 2002<sup>3</sup>), esse autor reflete sobre esse processo e nos ajuda a pensar na relação entre o catolicismo imposto pelos portugueses aos congolezes e o catolicismo vivenciado por eles desde aquele período. Thornton defende que a religião desenvolvida durante os primeiros duzentos anos no Congo, foi um catolicismo africano. Pois, se os portugueses viam na

---

<sup>3</sup>Em relação à constituição desta religiosidade, há destaque para os estudos de Wyatt MacGaffey e John Thornton, ambos em acordo com a ideia de que, ao longo dos duzentos anos em que ocorreram relações entre europeus e congolezes, formou-se um catolicismo africano: “no qual os missionários cristãos viam sua religião, e as populações congolezas a sua forma tradicional de reverenciar os deuses e relacionar-se com o além” (MELLO E SOUZA, 2002, p. 63).

população o reflexo da sua religião, na verdade, para os congoleses ela era uma nova forma de lidar com os velhos conceitos tradicionais. A cruz se tornou um nkisi, os missionários ngangas, e D. João II o Nzambi Mpungu. John Thornton argumenta que o cristianismo africano não foi fruto de uma combinação de cosmologias, e sim dinamicamente construído, resultado da forma de interação e validação das revelações ocorridas. Segundo o autor, o catolicismo resultante dessas conversões respeitava as lógicas fundamentais das religiões tradicionais africanas, baseadas em um princípio de “revelações contínuas” por meio das quais a mitologia e a ritualística eram constantemente enriquecidas com novas figuras e objetos de culto apropriados de culturas externas. Sendo assim, as religiões centro-africanas tradicionais puderam inserir as figuras de culto católicas (em especial os santos) em sua cosmologia, sem alterar substancialmente os princípios de sua religiosidade de sua cosmologia.

Essas premissas culturais e religiosas associadas ao contexto de subalternização vivenciado pelos negros nas Américas possibilitou de certa forma para que esse catolicismo africano ressignificado aqui no Brasil e por nós chamado de Afro catolicismo, fosse “engolido” pela expressão Religiosidade popular termo utilizado para designar qualquer manifestação religiosa que mesmo tendo fundo cristão não atendia aos dogmas ritualísticos do catolicismo “formal”. O que contribuiu para invisibilização das contribuições africanas e indígenas nesses rituais; considerando que o termo popular a priori era considerado pela academia como não evoluído não civilizado como fetiche/ folclore.

Assim o afro-catolicismo nesta pesquisa nasce da vivência desse catolicismo africano citado por Thornton em sua obra, percebido na África congoleza desde a conversão ao cristianismo.

Compreendemos assim o afro-catolicismo como um conceito que nos permite pensar os diversos festejos religiosos populares nascidos ou ressignificados no Brasil-colônia e, que trazem em seus ritos vestígios, indumentárias, algum elemento das cosmogonias da África negra, fundidos com o catolicismo lusitano dentre eles e com ênfase nas Congadas, os Congos as folias, suas indumentárias, seus capacetes, coroas e patuás (SIMONI e MARINHO, 2020). Em se tratando de Brasil as irmandades<sup>4</sup> negras de forma especial as de devoção a Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia se apresentam como sendo um campo vasto a se perceber e analisar esse catolicismo “africano” ressignificado como afro-catolicismo.

Não há registro sobre o ano de criação da devoção a Nossa Senhora do Rosário no Brasil, mas somente que foi trazida por missionários jesuítas. Ainda assim, em 1639, já constituíam a confraria de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos homens Pretos, formada por pretos (SOARES, 2000). Dessas devoções surgiram as confrarias (irmandades), a exemplo da irmandade de Nossa Senhora do Rosário e

---

<sup>4</sup>As irmandades se constituíram no período escravagista, tendo sido mantidas por escravos e libertos. Tinham como característica a realização de ajuda mútua de empréstimos e adiantamento para as alforrias de escravizados. Essas irmandades tinham a particularidade de escolher os seus “reis e rainhas Congos” durante as festas em homenagem aos seus santos de devoção (VASCONCELOS, 1996). Dentre as irmandades negras, as que mais se destacaram foram aquelas em devoção a Santa Efigênia, Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, São Elesbão, São Bento. Não há um registro exato do início dessas devoções, mas alguns registros informam que, desde 1639, as devoções a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito são vivenciadas no Rio de Janeiro (SOARES, 2000 *apud* SIMONI, 2017).

São Benedito dos homens pretos. No entanto, por causa de perseguições da Igreja, só em 1669, trinta anos depois, seu estatuto foi reconhecido. A irmandade nasceu dentro da Igreja de São Sebastião e esteve ligada a ela por muito tempo (SOARES, 2000).

As irmandades dedicadas à Senhora do Rosário dos Pretos, eram geralmente compostas por irmãos negros, mulatos e pobres. No interior das irmandades homens e mulheres encontravam assistência material e espiritual, assim como dispunham de um espaço de socialização para troca de experiências e reforço da sua identidade cultural. Dessa maneira, homens e mulheres escravizados mantinham vivas as suas tradições africanas, revestida pela religião cristã (BORGES, 2005).

### **Irmãos, Irmandades e a devoção a Nossa Senhora**

A presença de reis negros nas Américas descritas por diversos pesquisadores são um dos muitos resultados da diáspora africana em terras brasileiras. Eles são representantes de grupos étnicos específicos, e estiveram presentes no interior de quilombos e de irmandades católicas negras. Nessas irmandades também os reis negros se tornam referências daquilo que no Brasil, tempos depois, resultaria nos festejos das Congadas. Os estudos das situações em que existiram esses reis nas Américas esclareceram como africanos e europeus interagiram no contexto da colonização americana sob um regime escravista, criando novas perspectivas para se reescrever a história desse período dando voz a outros protagonistas do processo de construção da nação brasileira no que tange as religiosidades de fundo cristão. Ao abordar o

papel dos reis na diáspora brasileira, Soares (2006) afirma que, na cosmogonia Iorubá, a monarquia é uma instituição criada por Deus. A autora cita o exemplo de Xangô, que representa a figura do grande rei divinizado após sua morte. Seus atributos são: força, poder, justiça e virilidade. Nos ritos do Candomblé, a realeza é dramatizada e materializada em determinados signos distintivos como o cajado, o cetro e a coroa. A atribuição de títulos de reis e rainhas a pais e mães de santo do Candomblé e Umbanda demonstra as ressignificações pelas quais os termos reis e rainhas passaram nas novas terras. Perceptíveis são o prestígio e a relação dos reis com o sagrado, ressaltando a importância e a consideração desse termo e da relação desses reis com seus súditos reais e imaginários (SOARES, 2006). Essa relação entre rei e súditos, vivenciadas em terras brasileiras pelos primeiros africanos escravizados, é uma tentativa de os africanos reinventarem seu país nessas novas terras, buscando, mesmo de forma empírica, transpor sua cultura para aquela realidade subalternizada (SOUZA, 2002). Esses reis que vieram durante o período escravocrata contribuíram para uma transposição cultural vivenciada dentro dos Quilombos e das irmandades negras. Nesses espaços, esses reis buscavam exercer sua liderança e reconstruir sua identidade, mesmo que de forma simbólica. A transposição simbólica é comunicada por meio da cultura, entendida nessa pesquisa como um sistema simbólico orientador das ações humanas (SIMONI, 2017).

Nesse contexto, a cultura afro-brasileira, eixo deste curso e pesquisa é tributária da concepção de cultura como linguagem simbólica.

Pois concebe-se como um sistema simbólico orientador das práticas sociais referenciadas em princípios ancestrais africanos. Esses princípios, conforme esclarecem Mintz e Price (1992), funcionaram na diáspora como elementos de uma sintaxe. Os referenciais simbólicos são acionados de maneira seletiva e contextual, em um ambiente mutável. As práticas culturais afro-americanas, embora orientadas pelos referenciais africanos, não são, portanto, reproduções ou cópias da África nas Américas, mas reelaborações de caráter dinâmico, flexível, e em constante mutação, a exemplo dos cortejos e batuques introduzidos nas Américas pelos africanos (SIMONI, 2017). Uma das muitas práticas vivenciadas dentro das irmandades fazem alusão ao mito de origem devocional a nossa Senhora do Rosário uma memória afetiva passada de geração em geração que se ressignifica em cada grupo, mesmo resguardar de alguns elementos que a tornam sagrada tanto para os cultos católicos africanos quanto para os afro-católicos vividos no Brasil.

É desse catolicismo ligado a santos devocionais que desde o século XV, as irmandades de Nossa Senhora do Rosário nascem. Elas desempenharam um papel fundamental não apenas para a “conversão como chave de aceitação social” e para o catolicismo, mas sobretudo como lócus de luta e sociabilidades negras. As irmandades representaram espaços de intensa sociabilidade, ajuda mútua, diversão e resistência ao sistema vigente; além de ser um espaço / templos próprios, já que não podiam frequentar àqueles dos brancos. Ressalta-se aqui a história dos congoleses escrita até então que demonstra

através de sua cosmologia e cristianismo, que já no continente africano conversões aconteciam. Essas pesquisas servem, também, para colocar na história do Brasil as contribuições desse povo que chega em grande quantidade, mas é obscurecido pelas tradições falantes de iorubás, consideradas por alguns pesquisadores como grupos que conseguiram manter sua cultura religiosa de forma quase intacta nos processos diaspóricos mesmo em condições desumanas.

A história dos povos da África Central dentre eles os Congolezes nos remete a riqueza cultural religioso do grupo, e o quanto de sua cultura/religião dos adaptadas nos cortejos devocionais dentre eles de Nossa Senhora do Rosário. As irmandades Negras agregam tantas características que são concebidas por alguns autores como Vilarinno (2006) como religiões afro-brasileiras, pois através delas a África Banto trouxe para cá tradições religiosas e aspectos de um “catolicismo africano” como já citado pro Thornton. Um dos principais elementos citados pelo autor faz alusão ao mito de Origem de aparição e devoção de Nossa Senhora, e a cosmovisão dos povos Bantus ambos ligados pelo elemento água.

Nossa Senhora do Rosário tem seu “mito de origem” ligado às águas, já que, na maioria dos relatos, é no mar/rio que ela foi encontrada. Sua procissão é acompanhada por tambores do candombe, que só mais tarde se transformam no que hoje chamamos do ritual de bater o moçambique. Há, obviamente, disputas em relação ao que veio primeiro: candombe ou moçambique. Ao que tudo indica, é do candombe que vem a prática de bater o tambor, mas isso importa menos

do que a louvação dos negros, como demonstra alguns pesquisadores. A respeito, cito Soares, Souza, Vilarino.

Com os tambores e a adoração ela vem, é chamada. Os negros a trazem justamente das águas, do mar, o próprio local é a noção de Calunga. Como a própria água que separa os mundos dos vivos e dos espíritos ou mortos, a Calunga faz da travessia, já por si só violenta, ainda pior. Pois atravessar o mar significa morrer ou renascer para os mortos. Maria surge nesse contexto, como uma mãe das águas que permite o sucesso da travessia.

O mar/água é elemento central por unir não apenas separar – mundo dos vivos e dos mortos e, desde então, a África e o Novo Mundo Nossa Senhora e Oxúm senhora das águas mães benfeitoras. Porém a devoção Rosarina é ligada a catequizações religiosas, a segregação a escravização, ao calvário dos negros africanos e afro-descendentes. Assim compreender essa devoção também perpassa pela justificava da escravização dos negros. A devoção se mantém por uma memória afetiva e pela ressignificação da água como elemento purificador mantenedor gerador de vida, elemento que faz alusão ao grande útero, símbolo da maternidade e benevolência buscada pelo negros na grande mãe Virgem do Rosário e na grande Mãe Iemonjá e Oxúm senhoras das águas docês e salgadas. Assim, como todo rio vai para o mar, todas as mães resguardam de certa forma a “face” de Maria, face aqui compreendida como virtudes, a mãe que cura liberta e protege. É possível perceber essa fala nas diversas ladainhas cantadas pelos grupos congadeiros durante os festejos de congada; cito abaixo o trecho de uma

dessas ladainhas entoadas todos os anos durante ps festejos de Congada em Goiânia, mais também em Minas Gerais e tantos outros estados onde essa devoção persiste. “No tempo da escravidão, quando senhor me Batia, cantava para Nossa Senhora, quando a pancada doía!” (Cântico de congada, domínio público).

A mãe que protege que salva que acolhe e livra seus filhos de todas as dores, das físicas e espirituais, é possível perceber esse mesmo alento em alguns pontos / Orixis de Oxúm onde seus filhos em forma de ladainha expressão sua relação com esse orixá feminino e muito reverenciado tanto na Umbando quanto nas diversas vertentes do candomblé: “Olha eu, olha eu mamãe Oxúm, Oxúm é de maré é de maré Oxúm, Oxúm e de maré maré de maré Oxúm”.

Nos dois trechos citados acima o clamor recorrente faz alusão ao cuidado e proteção de uma mãe para com seu filhos, e a no elemento água como parte da essência e formação, Assim chegamos mais uma vez à cosmologia congoleza, na qual o mar é lugar de onde os deuses vinham/ residiam. O mar / a água é uma divindade e de lá também veio nossa Senhora do Rosário para atender a súplica de seus filhos. Assim devemos lembrar que o catolicismo africano nasce da tentativa de destruição, por parte dos portugueses, dos símbolos, ídolos e templos, da tentativa de reorientação religiosa impostas por eles. Porém nesse mesmo catolicismo mais tarde, a própria cruz símbolo cristão se tornaria um Nkinsi (divindade), por identificação e princípios de similitude cosmológica e de participação, dando assim margem aos

desdobramentos em outras terras dentre elas no Brasil com afro-catolicismo.

Memórias Congadeiras: As Congadas de Goiânia, festejos e devoção

O que a memória ama fica eterno (Adélia Prado, Bagagem, 1982).

A memória não é só um ato de lembrar, de relembrar ou de “guardar” algo que vimos ou aprendemos. A memória é mais que isso: ela é influenciada pela nossa história, nossa cultura, nossa identidade, pelas percepções do grupo o qual pertencemos e pelas pessoas com as quais convivemos. Temos a memória individual, que são as nossas lembranças pessoais, percepções e interpretações sobre determinado fato, lugar ou pessoa. Temos também a memória coletiva, que é a memória do grupo, a memória de um povo sobre seu espaço, sobre sua história e suas manifestações. São essas memórias, que ajudam a formar o Patrimônio, e que permitem que a história seja escrita a partir de outros pontos de vista, além da chamada “história oficial”. São os suportes da memória que fazem com que a existência tenha sentido, ou seja, se transforme em uma “expressão objetivada da lembrança coletiva” (CHAUI, 2006, p.114). A memória é formada a partir de narrativas, de objetos (que guardamos, que produzimos, que nos fazem lembrar de algo), de paisagens e de impressões de festejos.

A memória coletiva para Halbwachs (2006) pode ser compreendida como um processo social de reconstrução do passado vivido e experimentado por um determinado grupo, comunidade ou sociedade.

Este passado vivido é distinto da história, a qual se refere mais a fatos e eventos registrados, como dados e feitos, independentemente destes terem sido sentidos e experimentados por alguém. A comunicação e o pensamento dos diversos grupos da sociedade estão estruturados em marcos, na verdade marcos sociais da memória. Os marcos da memória coletiva podem ser divididos em marcos temporais e marcos espaciais. Por marcos temporais entendem-se os fatos e períodos que são considerados socialmente significativos, por exemplo; uma festa, nascimento de alguém, mudança de estação, e neste caso específico a primeira congada a sair pelas ruas de Goiânia na déc. De 60, onde uma recordação é reconstruída. Os marcos espaciais da memória coletiva mantêm a memória viva por mais tempo, pois é caracterizado pela lembrança ou recordação a partir de lugares; um edifício ou um lugar específico, no caso desta pesquisa na catedral de Campinas e na casa do festeiro na vila Santa Helena bairro da região noroeste de Goiânia a Igreja de Nossa Senhora do Rosário da Vila João Vaz. Espaço que são para o grupo em questão a materialização de sua devoção.

Neste contexto a memória é então o passado se encontrando no presente, e o espaço é fundamental para isto, pois as recordações serão sempre vivas ao deparar-se com ele. Para Halbwachs as recordações são coletivas, pois segundo ele nunca estamos sós, “sempre levamos em nós um certo número de pessoas inconfundíveis.” Já, Rivera ao mencionar Halbwachs afirma que se pode dizer que é impossível uma memória absolutamente individual e que lembrança (recordação) se reconstrói

socialmente, “sendo para isso indispensável à existência de uma comunidade afetiva”.

As irmandades são na minha concepção as comunidades afetivas dos congadeiros goianienses onde os mesmos buscam o reencontro com suas origens resignificando suas tradições a cada ano, e reafirmando sua devoção a nossa senhora do Rosário conhecida entre eles como grande mãe. Ao estudar esses grupos a história busca dar conta das transformações da sociedade perceptíveis nessas manifestações através das ressignificações (nas suas vestimentas que ganharam mais cor, nos instrumentos musicais agregados etc.) ainda assim a memória coletiva busca assegurar a permanência do tempo e da homogeneidade da vida, como um intento de mostrar que o passado permanece. Enquanto a história é informativa a memória é comunicativa.

A memória coletiva apontada por Dostoievski tem como pano de fundo este cenário religioso, tão presente em suas obras, a religião é, ao meu ver, um elemento estrutural. Como afirma Roger Bastide “É mais a estrutura do grupo que o grupo em si, que fornece os quadros da memória coletiva; sem isso não se compreenderia porque a memória individual necessita do apoio de toda a coletividade.” Em si tratando de coletividade as congadas de Goiânia aparecem como um exemplo dessa importância mesmo tendo sido criadas para a mesma devoção apresentam características únicas que as diferenciam, mas se unem na devoção aos santos e no desejo de preservar a tradição vista por eles como um legado deixado por seus ancestrais africanos. Essa memória histórica que os une perpassa pelo mito de origem e as crenças que

mesmo sendo diferentes se fundem em um desejo de continuidade, o que fortalece os grupos dentro de suas tradições neste caso específico nas festas de congada.

Goiânia possui nove grupos (ternos) de Congadas, cinco de Congo, dois Moçambiques e dois Catupés, sendo que seus festejos acontecem entre os meses de maio, agosto e setembro, e contam com a participação de vários grupos visitantes dos municípios oriundos de Catalão e Minas Gerais, recebendo aproximadamente duas mil pessoas, entre devotos e Congadeiros; cada um desses ternos tem suas irmandades ligadas a seus santos de devoção, Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia e São Elesbão. Câmara Cascudo (1980, p. 242) define as Congadas como autos, cujos elementos formadores foram préstitos, embaixadas, reminiscências de bailados representativos de lutas guerreiras, alusões a grandes rainhas africanas como *Nzinga Mabandi de Ndomgo-Matamba* e seu cortejo formado por várias Guardas, cada qual com sua função. Dentre as Guardas estão o Congo, Moçambique, Catupés, Marujos, Caboclo, Vilão e a do Cavaleiro de São Jorge. No caso da Congada da Vila João Vaz em Goiânia as Guardas são Congo, Moçambiques, Catupés e Bandeirinhas, marinheiro, reinado. A figura do Rei e da Rainha são as representações máximas no cortejo e todos os Ternos/Guarda fazem reverência à Corte Real.

A maioria dos membros das irmandades se declaram católicos mas alguns se dizem católicos e candomblecistas outros umbandista, a primeira vista isto poderia ser o motivo do sincretismo de Nossa Senhora com a Orixá Oxúm, mas ao serem indagados sobre a questão a resposta

remontam a período da escravização e ao mito de aparição da santa contado e cantado pelos congadeiros durante os cortejos, mito que faz alusão a imagem de nossa senhora do Rosário:

O mito conta que uma imagem dos encontrada por um escravizado nas águas de um rio; e que essa imagem o salvou de ser castigado pelo seu “senhor”. O escravizado passou a adorar a santa e a chama-la de mãe cuidadosa, sem recursos ele escondeu a imagem em uma gruta onde rezava por ela sempre que podia. tempos depois de devoção a essa santa ele, encontrou no mesmo rio um saco de ouro, que ele achou depois de implorar por sua liberdade. Como ouro ele comprou sua alforria e de seu irmãos que tocaram, dançaram e cantaram agradecendo a santa grande mãe de todos os negros (mito de aparição de nossa senhora Rosário contado por M.B. rainha perpétua da Congada Vila João Vaz (in memoria) SIMONI, 2017) .

Mais uma vez os mundos se encontram nas “águas” elemento que une os mitos de aparição de Nossa Senhora e a une aos cultos da mãe das águas dos povos Bantu e Iorubá. Oxúm não é Nossa Senhora, mais ambas tem a devoção de seus filhos ligadas a seu elemento de essência a água como fonte de vida e divisor de mundos. No mito goiano percebe um outro elemento o ouro, Oxúm é o orixá das barrigas (gestação) e do ouro metal símbolo de beleza e prosperidade, que nesse mito representa também a liberdade. Finalizo minha reflexão com mais um depoimento da rainha perpétua da Congada da Vila João Vaz:

Minha filha nossa senhora tem muitos nomes e muitos rostos, se eu quiser rezar para nossa senhora do Rosário olhando para imagem de nossa Senhora da Conceição eu rezo, elas todas são mãe tudo escuta a gente” (Maria Bertolina Rainha da Congada Vila João Vaz, entrevista concedida em 2015, SIMONI, 2017)

É impossível transcrever em tão pouco tempo as indagações que esses dois depoimentos me proporcionaram desde que os ouvi. Sigo pesquisando buscando outros depoimentos e autores buscando porém quanto mais pesquiso mais “faces” me apresentam de Maria.

### **Bibliografia**

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 10a ed. São Paulo: Cia da Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas simbólicas*. Série Estudos. Trad. Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Peões, pretos e congos*. Goiânia: Universidade de Brasília, 1977.

BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Cia da Letras, 1989.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de: *Católicos, Protestantes, Espíritas*. Petrópolis: Vozes, 1973.

CARVALHO, Euzebio Fernandes. *O rosário de Aninha [manuscrito]: os sentidos da devoção rosarina na escritura de Anna Joaquina Marques (Cidade de Goiás, 1881-1930)*. 2008.

CASCUDO, Câmara Luis da. *Dicionário do folclore brasileiro*. 7a ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1988.

\_\_\_\_\_. *Antologia do folclore brasileiro*. 5a ed. São Paulo: Global, 2001.

\_\_\_\_\_. Made in África: pesquisas e notas. 5a ed. São Paulo: Global, 2001.

CURADO, Sebastião Fleury. Memórias Históricas. São Paulo: Gráfica da Revista dos Tribunais, 1956.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOORNAERT, Eduardo. História da Igreja no Brasil. 2a ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

\_\_\_\_\_. Formação do catolicismo brasileiro (1550-1800). 3a edição. Petrópolis: Vozes, 1991.

LACERDA, Regina. Folclore brasileiro: Goiás. Rio de Janeiro: Funarte, 1977.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. 13a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. História: novos problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

MARINHO, Thais Alves; SIMONI, Rosinalda Corrêa da Silva. Coletividades femininas negras na história de Goiás: do Afro Catolicismo aos feminismos de terreiro. Cap. Livro in História Das Mulheres, Relações De Gênero e Sexualidades em Goiás (orgs) Ana Carolina Eiras Coelho Soares, Murilo Borges Silva, Goiânia: Editora Paco Editorial, 2021 ISBN 9786558404811.

\_\_\_\_\_. O Matriarcado negro nos “terreiros”: Da cosmovisão do feminino ao feminismo de terreiro. No prelo, Revista Faculdades EST, 2020.

MESIAS, N. C. Religiosidade e devoção: as festas do Divino e do Rosário em Monte do Carmo e em Natividade - TO. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, 2010.

MELLO E SOUZA, Marina de. Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de rei Congo. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

\_\_\_\_\_. Catolicismo negro no Brasil: Santos e minkisi, uma reflexão sobre miscigenação cultural. Afro-Ásia, n. 28, p. 125-146, 2002.

MIRANDA, Janira Sodré. Permanências D’África no catolicismo goiano, artigo publicado na Revista Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 21, n. 4/6, p. 319-329, abr./jun. 2011.

RIBEIRO, Ronilda. Alma Africana no Brasil. Os iorubás São Paulo: Editora Oduduwa, 1996.

RIOS, Sebastião. “Os cantos do Rosário”. Em: CD Reinado do Rosário de Itapecerica - MG. Da festa e dos mistérios. Brasília: Viola Corrêa, 2005.

ROLIM, Francisco Cartaxo. “Condicionamentos Sociais do Catolicismo Popular”, in Revista Eclesiástica Brasileira, v. 36, n. 141, 1976, p. 159.

SIMONI, Rosinalda Corrêa da Silva, MESSIAS, Noeci Carvalho. Irmãos e irmandades negras no coração do Brasil: Goiânia, Tocantins e o culto aos santos negros, artigo in Revista Mosaico, 2017.

SIMONI, Rosinalda Corrêa da Silva . Fé e festividades nas irmandades negras no interior do Brasil: (Re)afirmação identitária afrodiáspórica. Revista Mosaico de história. Editora da PUC Goiás, Goiânia 2019 b, p. 251-254.

SIMONI, Rosinalda Correa da Silva. Congada da Vila João Vaz em Goiânia (GO): Memória e Tradição tese doutorado defendida pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás em agosto 2017, disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/3835>

\_\_\_\_\_. Virgem do Rosário e São Benedito Irmãos Irmandades Negras na Capitania dos Goyazes. Revista Caminhos, Editora da PUC Goiás, Goiânia, v.17, jan/jun, 2019 p. 278-295.

SOUZA, Laura de Mello e. O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. 2a ed. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. Festas Barrocas e vida cotidiana em Minas Gerais. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Iris. (Orgs.). Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa. São Paulo: Hucitec: USP: Fapesp, 2001.

SOUZA, Marina de Mello. História, mito e identidade nas festas de reis negros no Brasil – séculos XVIII e XIX. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Iris. (Orgs.). Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa. São Paulo : Hucitec : USP : Fapesp, 2001.

\_\_\_\_\_. Reis negros no Brasil escravagista: História da festa de coroação de Rei Congo. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

THORNTON, John. Religiões africanas e o cristianismo no mundo atlântico. In: \_\_\_\_\_A África e os africanos na formação do mundo atlântico. 1400-1800. Rio de Janeiro: Campus, 2004.

TINHORÃO, José Ramos. As festas no Brasil colonial. São Paulo: Editora 34, 2000.

\_\_\_\_\_. Os sons dos negros no Brasil. cantos, danças, folguedos: origens. São Paulo: Editora 34, 2008.

VILARINO, Marcelo de Andrade; PONTES, Ana Cristina. As irmandades dos homens pretos e o Reinado em Belo Horizonte. In. Pontes, Ana Cristina; Moraes, Fernanda Emília (Orgs.). Herança do Tempo: tradições afro-brasileiras em Belo Horizonte. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, 2006.